

MARIANA GUEDES ROLO

**PERPETRADORES DE VIOLÊNCIA NA INTIMIDADE:
ATITUDES E TRAÇOS DE PSICOPATIA EM JOVENS
ADULTOS**

Orientadora: Prof^ª. Doutora Ana Rita Cruz

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

LISBOA

2022

MARIANA GUEDES ROLO

**PERPETRADORES DE VIOLÊNCIA NA
INTIMIDADE: ATITUDES E TRAÇOS DE PSICOPATIA
EM JOVENS ADULTOS**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Forense no Curso de Mestrado de Psicologia Forense, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 28 de novembro de 2022 perante o júri nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral n.º351/2022, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.ª Doutora Carolina da Motta
Arguente: Prof.ª Doutora Olga Cunha
Orientadora: Prof.ª Doutora Ana Rita Cruz

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

LISBOA

2022

Agradecimentos

A realização deste estágio curricular bem como a elaboração do presente relatório, contaram com o apoio de algumas pessoas às quais estarei eternamente grata.

À minha orientadora académica Professora Doutora Ana Rita Cruz agradeço todo o apoio, atenção e tempo que dedicou neste período de realização da dissertação e todos os esclarecimentos que deu.

Aos meus amigos Margarida, Andreia, Beatriz, Bernardo e Miguel que me motivaram durante todo o meu percurso e não me deixaram desistir.

Às pessoas mais importantes, pais, avós, tios, Clara e Martim por me apoiarem em todas as fases importantes da minha vida académica e pessoal.

Por fim, aos meus colegas de curso que tornaram todo o meu percurso mais fácil, obrigada por todos os momentos de entreaajuda.

Resumo

Na atualidade a violência nas relações de intimidade em jovens é uma das temáticas abordadas diariamente, embora exista uma vasta literatura sobre o estudo da relação entre perpetração e a psicopatia, o estudo da relação entre as atitudes e a prática de agressões e o papel da psicopatia em jovens adultos agressores em Portugal ainda se mostra parco. O presente estudo teve como objetivo explorar a influência de variáveis sociodemográficas (e.g., idade e escolaridade), nas atitudes, face à perpetração de violência e o estudo da relação entre as pontuações na escala de psicopatia, as atitudes e a prática de agressão e violência em relações de intimidade. A amostra do estudo é constituída por 404 participantes que responderam a um questionário online na plataforma Qualtrics. Verificaram-se correlações entre as variáveis em estudo, demonstrando uma associação entre as facetas da psicopatia, em especial a faceta interpessoal e a violência psicológica. Os resultados demonstram que os jovens do sexo masculino apresentam mais atitudes legitimadoras da violência bem como foi possível verificar a influência que o nível de escolaridade tem na presença destas atitudes. É esperado que estes dados contribuam para um conhecimento mais aprofundado das atitudes e traços de psicopatia numa amostra mais jovem em Portugal bem como informar programas de prevenção e intervenção junto desta faixa etária.

Palavras-chave: jovens adultos, violência nas relações de intimidade, atitudes, traços de psicopatia em jovens

Abstract

Currently, violence in intimate relationships among young people is one of the topics addressed daily, although there is a vast literature on the study of the relationship between perpetration and psychopathy, the study of the relationship between attitudes and the practice of aggression and the role of psychopathy. in young adult aggressors in Portugal is still scarce. The present study aimed to explore the influence of sociodemographic variables (e.g., age and education) on attitudes towards the perpetration of violence and to study the relationship between scores on the psychopathy scale, attitudes and the practice of aggression and violence. in intimate relationships. The study sample consists of 404 participants who answered an online questionnaire on the Qualtrics platform. Correlations were found between the variables under study, demonstrating an association between the facets of psychopathy, especially the interpersonal facet and psychological violence. The results show that young men have more attitudes that legitimize violence and it was possible to verify the influence that the level of education has on the presence of these attitudes. It is expected that these data will contribute to a deeper understanding of the attitudes and traits of psychopathy in a younger sample in Portugal, as well as to promote prevention and intervention programs for this age group.

Keywords: young adults, intimate partner violence, attitudes, psychopathic traits in young adults

Abreviaturas

APA – American Psychiatric Association

EPCV- Escola de Psicologia e Ciências da Vida

IBM SPSS - Statistical Package for Social Sciences

RASI - Relatório Anual de Segurança Interna

ULHT- Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

α – Alfa de Cronbach

d – d de Cohen

% - Percentagem

p – Valor de significância estatística

r - Valor de correlação

N – Tamanho da amostra

M – Média

DP – Desvio padrão

e.g., - por exemplo

et al. – e colaboradores

Índice

Introdução.....	9
Violência nas Relações de Intimidade (VRI)	9
Atitudes.....	10
Psicopatia.....	13
Objetivos e Hipóteses.....	16
Método	17
Amostra	17
Instrumentos	18
Procedimentos.....	21
Plano Analítico.....	22
Resultados	22
Discussão	30
Limitações	35
Conclusão	35
Implicações práticas	35
Referências.....	37

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Características Sociodemográficos dos Participantes

Tabela 2 - Estatística Descritiva CADRI

Tabela 3 - Estatística Descritiva EAVN

Tabela 4 - Estatística Descritiva SRP-SF

Tabela 5 - Diferenças entre o nível de Habilitações Académicas para as Atitudes Legitimadoras da Violência - Teste T Student

Tabela 6 - Correlações Bivariadas de Pearson entre as variáveis

Introdução

Na atualidade a violência nas relações de intimidade é uma das temáticas abordadas diariamente uma vez que é questão bastante complexa e com raízes socioculturais profundas que tem vindo a ganhar um grande impacto e visibilidade ao longo do tempo.

Apesar da violência nas relações de intimidade em jovens não ser um fenómeno recente, no passado os investigadores tinham uma grande dificuldade em aceder a populações mais novas, o que se constituiu num obstáculo à sua visibilidade na sociedade (Saavedra & Machado, 2013).

Com base no RASI - Relatório Anual de Segurança Interna do Sistema de Segurança Interna (2021) podemos observar que foram registados no total 26520 ocorrências com a problemática de violência doméstica dos quais 15890 correspondem a crimes de violência doméstica perpetrada pelo cônjuge, companheiro, ex-cônjuge ou ex-companheiro.

Das ocorrências efetuadas no ano de 2021, 26661 vítimas são do sexo feminino (74.9%) e 8937 vítimas são do sexo masculino (25.1%). No que concerne à idade, 26120 das vítimas têm idade igual ou superior a 25 anos (73.3%), 3723 das vítimas (10.5%) têm uma idade compreendida entre os 16 e os 24 anos e 5769 vítimas (16.2%) têm uma idade inferior a 16 anos.

Os denunciados são maioritariamente do sexo masculino representando cerca de 81%. (RASI 2021). Desta forma, surge a necessidade de avaliar e aprofundar esta temática tão presente na atualidade.

Violência nas Relações de Intimidade (VRI)

A Violência nas Relações de intimidade é definida como uma estratégia ilegítima de resolução de conflitos interpessoais, inclui vários tipos de violência, nomeadamente, física, psicológica, económica e/ou sexual e é reconhecida como uma violação dos direitos humanos (Abramsky et al., 2011).

Em 2012, a World Health Organization (WHO) refere que a violência perpetrada pelo companheiro ou ex-companheiro do sexo masculino é uma das formas mais comuns de violência contra as mulheres. Reforça ainda que a VRI “ocorre em todos os ambientes e entre todos os grupos socioeconómicos, religiosos e culturais” (WHO, 2012, pp.1-5).

Iyican e Babcock (2018) demonstram que apesar das leis relativas à violência nos últimos anos se terem tornado mais rigorosas, os programas de intervenção e prevenção demonstram pouca eficácia. Henning e Holdford (2006), por sua vez, afirmam que a baixa eficácia dos programas de tratamento para perpetradores pode estar associada aos efeitos da desejarabilidade social, o que pode prejudicar a capacidade de quem presta o tratamento de avaliar de forma adequada e fiável as mudanças nas atitudes durante os programas de intervenção; por essa razão a validade de estudos que examinam a eficácia deste tipo de programas a nível das mudanças cognitivas pode ficar comprometida.

Os perpetradores de VRI apresentam mais vieses de codificação, interpretação e atribuição hostil, maior predisposição para a escolha de uma resposta agressiva durante conflitos e um parecer positivo relativo à VRI. Eckhardt e colaboradores (2012) concluíram que os indivíduos podem apresentar atitudes negativas face à violência, mas têm presente a crença de que a agressão não só é aceitável como necessária e inevitável. A presença deste tipo de distorções cognitivas pode fazer com que os indivíduos interpretem os conflitos nas relações como uma necessidade de responderem agressivamente e condicionar a sua motivação e conseqüente eficácia de potenciais programas de intervenção (Eckhardt et al., 2012).

Fernández-Suárez e colaboradores (2018) reforçam que a prevenção de VRI implica a coordenação entre os sistemas de justiça criminal e de serviço social, caso já exista VRI surge a necessidade de serviços e programas que apoiem as vítimas a nível legal, social e económico, se necessário.

Atitudes

Na base deste tipo de comportamentos agressivos, em relações de intimidade, podem estar atitudes legitimadoras da violência. Segundo Gage e Hutchinson (2006) as atitudes são vistas como um processo psicológico interno do indivíduo, não diretamente observável, que corresponde à relação entre a situação e o comportamento adotado pelo mesmo nessa situação.

Apesar de existirem diversas teorias e perspectivas relativas às principais influências para este tipo de comportamentos, existem três fatores que parecem estar na base das mesmas, sendo eles, os fatores sociais (e.g. família), os fatores individuais (e.g. capacidade de resolução de conflitos) e os fatores contextuais/ situacionais (e.g. exposição à violência) (Oliveira & Sani, 2009).

Segundo a Teoria da Aprendizagem Social (Bandura et al., 1961) a família é vista como um local de socialização primária, no qual a criança, idealmente, vai passar grande parte do seu tempo. Desta forma, a família surge como um dos principais meios de aprendizagem não só de comportamentos, mas também de atitudes e crenças, que vão ser interiorizados e replicados pois a família é vista como modelo a seguir e para si são vistos como legítimos e aceitáveis.

Kalmuss (1984) corrobora a teoria acrescentando uma perspectiva Intergeracional da violência, onde explica que a exposição a atos de violência durante o desenvolvimento da criança se constitui como um dos principais fatores de risco para um futuro marcado por violência no contexto das relações de intimidade e uma consequente intergeracionalidade da violência, uma vez que, a probabilidade de este indivíduo passar as suas crenças e comportamentos à sua descendência é bastante elevada, tornando a violência num ciclo vicioso.

É importante salientar que a aprendizagem é feita através de diversas formas, nomeadamente, observação, reforço, modelagem e imitação de comportamentos e discursos, motivo pelo qual um bom ambiente familiar é considerado fulcral para um salutar desenvolvimento da criança (Widom, 1989).

Gilliom e colaboradores (2002) defende que a qualidade das relações familiares, destacando a relação entre pais e filhos interfere com o comportamento da criança, afeta a sua capacidade ou incapacidade de regular as emoções e as suas expectativas sobre um relacionamento futuro. Na medida em que, se uma família foi capaz de proporcionar um bom ambiente à criança, onde o seu desenvolvimento foi estimulado bem como aprendeu bons mecanismos para resolução de problemas, o mais provável é que esta desenvolva a expectativa de que numa relação futura as suas necessidades sejam igualmente satisfeitas, diminuindo a sua probabilidade de manter um relacionamento pautado por qualquer tipo de violência (Gilliom et al., 2002). Straus e Kantor (1994) citado em Matos (2002), reforçam esta ideia afirmando que mulheres expostas a violência e maus-tratos durante o seu desenvolvimento estão mais propensas a aceitar um futuro pautado por estes episódios, uma vez que o exemplo que têm de relação está diretamente associada a maus-tratos e violência.

Outros estudos acrescentam que os tipos de agressões perpetrados em relações de intimidade são exatamente os mesmos que foram observados ou experienciados anteriormente (Bernard & Bernard 1983 citado em Jackson, 1999).

A teoria da aprendizagem social defende ainda que indivíduos provenientes de famílias sem um historial de violência têm uma maior probabilidade de desenvolver modelos positivos das relações bem como encontrar outros mecanismos de resolução de conflitos.

No entanto, nem todos os autores partilham da mesma opinião, existindo também quem defenda que a exposição à violência poderá ter o efeito oposto na criança, no sentido em que em vez de impulsionar a probabilidade de praticar violência ou de ser constituída vítima, vai diminuir a mesma (Cunha & Gonçalves, 2019; Gwartney-Gibbs et al., 1987; Jackson, 1999; Smith & Williams, 1992).

Kwong e colaboradores (2003) afirmam que um indivíduo não ter sido exposto a violência durante o seu desenvolvimento pode ser visto ainda como um fator protetor relativamente à violência, uma vez que, a probabilidade de aceitarem comportamentos abusivos e violentos de um parceiro no contexto de relações de intimidade é bastante reduzida, acrescentam ainda que situações de violência são menos prováveis de acontecerem em casais onde apenas um dos elementos foi exposto a violência durante o seu crescimento.

Sorenson e Taylor (2005) defendem que as atitudes tendem a ser influenciadas pelas características das pessoas envolvidas, explicando que o género do(a) agressor(a) e da vítima têm um papel preponderante já que a violência perpetrada por homens é considerada mais grave e severa, não só pelas características do incidente em específico, mas também por uma maior tendência ao recurso à violência física que, por exemplo, é sobrevalorizada no que diz respeito à sua gravidade, em relação à violência psicológica.

No que diz respeito aos fatores que influenciam as atitudes dos sujeitos face às vítimas, a literatura tende a enunciar o género, a idade e o nível de habilitações literárias (Waltermaurer et al., 2013; Wang, 2016;).

Relativamente à violência perpetrada no masculino, os homens apresentam atitudes mais legitimadoras e apresentam maior predisposição para culpabilizarem as mulheres da violência exercida sobre si (Machado et al., 2010). Ademais, a sociedade parece ainda manter algumas ideologias religiosas, políticas e patriarcais que legitimam a violência tornando-a num comportamento normativo e aceitável no qual muitas das vezes as vítimas são descredibilizadas

por estarem numa relação com o alegado agressor e responsabilizadas pela violência exercida sobre si (Anderson & Saunders, 2003; Gracia & Tomás, 2014).

No que concerne à idade, a literatura não é consensual, Antunes e Machado (2012) constataram que quanto mais novos os indivíduos, maior a probabilidade de perpetrarem violência física contra o/a namorado/a, mas o mesmo já não aconteceria no que diz respeito a outros tipos de violência como a emocional e sexual. Porém, segundo Saavedra e Machado (2013) adolescentes mais velhos, independentemente do sexo, apresentam maior risco de se envolverem na prática de atos abusivos contra o/a namorado/a, na medida em que o avançar da idade se traduz numa maior probabilidade de existir um envolvimento relacional mais longo e sério.

A relação entre o nível de habilitações literárias e as atitudes legitimadoras da violência nas relações de intimidade tem vindo a ser bastante estudada ao longo dos anos, com os dados a demonstrarem que o nível superior de habilitações, ensino secundário ou ensino superior, se associa a menor probabilidade de os indivíduos apresentarem atitudes legitimadoras de violência (Uthman et al., 2010; Waltermaurer et al., 2013). O fraco aproveitamento escolar, o desinvestimento e o desinteresse na escola, e o absentismo constituem-se fatores preponderante na perpetração da violência, sendo que jovens que se encontrem numa destas situações estão mais predispostos a perpetrarem violência (Saavedra & Machado, 2013).

Num estudo realizado por Machado e colaboradores (2010) com uma amostra da população portuguesa, foi possível aferir que participantes com escolaridade equivalente ao ensino secundário ou ensino profissional, apresentavam mais atitudes legitimadoras de violência face aos participantes com ensino superior.

Psicopatia

O conceito de psicopatia foi sendo construído com base em critérios clínicos e na investigação e, atualmente, é visto como um conjunto de traços de personalidade com fortes implicações tanto a nível clínico como social. Para Hare e Neumann (2008) a psicopatia é o conjunto de características interpessoais, afetivas e comportamentais que incluem egocentrismo, manipulação, irresponsabilidade, impulsividade, procura de estimulação, pobre controlo comportamental, superficialidade afetiva, ausência de empatia de culpa ou de remorsos e um

conjunto de comportamentos antissociais, mas não necessariamente criminosos, como por exemplo, a desobediência, agressividade e a irritação.

No que concerne aos principais modelos da psicopatia, Hare (2003) propõe o Modelo Bifatorial de Hare onde defende a organização da psicopatia em dois fatores, sendo estes o fator 1 que engloba aspetos interpessoais e afetivos e o fator 2 que representa características impulsivas e antissociais.

Uma década mais tarde, em 2001 Cooke e Michie apresentam um modelo de três fatores, sendo eles o fator interpessoal, afetivo e impulsivo, deixando de parte alguns itens relativamente a comportamentos caracterizados como criminosos, nomeadamente, a delinquência juvenil e versatilidade criminal.

Em 2008 surge um novo modelo que englobava o Modelo de três fatores de Cooke e Michie, acrescentado o comportamento antissocial como um fator de grande peso na psicopatia, é com base neste modelo que foi criada o SRP - Self-Report Psychopathy Scale (Hare, 1980), que vai ser utilizada na presente investigação.

Hare e Neumann (2008) defendem que a psicopatia se pode organizar em dois fatores ou quatro facetas, o Fator 1 ou a Faceta Interpessoal – Afetiva, que reúne características interpessoais e afetivas como a manipulação interpessoal e afeto superficial através do charme, engano intencional, tendências manipulativas, falta de empatia, remorso e incapacidade de aceitar responsabilidades, e o Fator 2 ou a Faceta Estilo de Vida – Antissocial, que reúne características que refletem um comportamento antissocial através da busca de estímulos, impulsividade, irresponsabilidade, estilo de vida parasitário, falta de objetivos realistas, controlo comportamental inadequado, problemas comportamentais precoces e delinquência juvenil.

Boyle e colaboradores (2008) afirma que os homens que apresentam traços de psicopatia e antissociais cometem uma quantidade desproporcional de VRI comparados com homens que não apresentam este tipo de traços, sendo que as condutas violentas podem identificar a presença de traços de psicopatia (Echeburúa & Amor, 2010).

A psicopatia é consistentemente associada a atitudes violentas especificamente contra mulheres, e existe uma relação entre os traços de psicopatia e as atitudes violentas (Cunha et al.,

2018; Methot-Jones et al., 2019) referem que a psicopatia é um importante preditor de comportamento criminoso no geral bem como de perpetração de VRI, em particular.

Fernández-Montalvo e Echeburúa (2008) concluíram que a prática de atos violentos na intimidade podia ser impulsionada pela presença de défices emocionais caracterizados pela falta de empatia, falta de remorso e expressão emocional deficiente. Na presença de traços de psicopatia, uma das características é precisamente a falta de empatia, o que resulta na capacidade de infligir dor a outros sem que o perpetrador tenha algum tipo de emoção negativa associada.

Methot-Jones e colaboradores (2019) aferiram que a perpetração de violência por parte de indivíduos com traços de psicopatia pode ser explicada devido ao seu distanciamento emocional e à falta de empatia, revelando uma associação entre o Fator 1 (Faceta interpessoal e afetiva) e a violência instrumental, perpetrada com o intuito de obter benefícios pessoais, sociais ou materiais.

No estudo de Blais e colaboradores (2014) foi também possível apurar uma associação entre o Fator 2 (Estilo de vida - Antissocial) e a violência reativa apresentam uma associação mais forte com esta, caracterizada pela necessidade de responder a uma agressão.

Frequentemente as atitudes violentas contra mulheres encontram-se associadas a crenças legitimadoras de violência, ou seja, uma avaliação negativa feita a uma pessoa ou um grupo de pessoas acompanhadas pela crença de que estas não merecem um tratamento humano e por isso devem ser tratadas de forma negativa, o que facilita a violência (Bar-Tal & Hammack, 2012).

Stith e colaboradores (2004) defendem que os indivíduos que frequentemente apresentam atitudes positivas relativamente à violência, quando aliadas a pontuações mais elevada na faceta interpessoal-afetiva, caracterizada pela grandiosidade e tendência a recorrer a mentiras, resultam na perpetração de violência.

Atualmente existem estudos que relacionam as temáticas das atitudes e traços de psicopatia em perpetradores face à violência nas relações de intimidade, porém ainda apresentam algumas limitações, nomeadamente não incluírem todos os tipos de VRI o que forneceria uma visão mais abrangente e profunda sobre a temática das atitudes. Wang (2016) apontou como um dos maiores entraves o facto de os investigadores se focarem na prevalência e severidade da violência, deixando o estudo das atitudes e crenças dos perpetradores de VRI para plano secundário.

O estudo da VRI deve incluir não só a violência física que implica o contacto que escala de um leve toque até à violência letal, mas também a violência sexual e psicológica; esta última compreende uma forma ofensiva ou até mesmo degradante em relação à outra pessoa, geralmente identificada através de ameaças, negação de afeto e restrições, fazendo parte destas restrições o isolamento social e o controlo financeiro, que constituem duas características de um relacionamento abusivo (Capaldi et al., 2012). Outra limitação apontada em estudos prévios é o método de recolha das amostras, que tendem a ser escolhidas pelo método não probabilístico de conveniência, o que faz com que não sejam clinicamente significativas (Wang, 2020).

A presente investigação, por se centrar nas atitudes e traços psicopáticos de perpetradores de violência no contexto das relações de intimidade, pode contribuir para o aprofundamento da temática, embora exista uma vasta literatura sobre o estudo da relação entre perpetração e a psicopatia, o estudo da relação entre as atitudes e o papel da psicopatia nesta população em Portugal ainda se mostra parco.

Objetivos e Hipóteses

Para este estudo quantitativo foram estabelecidos como objetivos a compreensão das atitudes face à violência nas relações de intimidade em jovens adultos, nomeadamente, a exploração da influência de variáveis sociodemográficas (e.g., idade e escolaridade) nas atitudes face à perpetração de violência e o estudo da relação entre as pontuações na escala de psicopatia e atitudes e a prática de agressão e violência em relações de intimidade. A partir da revisão prévia surgem as seguintes hipóteses:

H1: Indivíduos do sexo masculino toleram e legitimam mais a VRI do que indivíduos do sexo feminino.

H2: Indivíduos com mais escolaridade apresentam atitudes menos legitimadoras face à VRI, comparativamente com indivíduos com menor escolaridade.

H3: Indivíduos que obtenham uma pontuação mais elevada na faceta afetiva-interpessoal demonstram maior propensão à prática de agressões em comparação com os indivíduos que pontuam mais na faceta impulsiva-antissocial.

Devido à escassa literatura desta temática em Portugal, proponho ainda com esta dissertação, explorar a relação entre as quatro facetas da psicopatia e as atitudes legitimadoras da violência nas relações de intimidade.

Método

Amostra

A amostra é constituída por 404 jovens adultos, maioritariamente do sexo feminino ($n = 330$; 81.5%), com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos ($M = 21.72$; $DP = 1.84$), que estão à data da resposta numa relação amorosa ou já tinham estado numa relação de intimidade. A maior parte dos participantes são de nacionalidade portuguesa ($n = 393$; 97%), relativamente ao estado civil, grande parte da amostra é composta por participantes solteiros ($n = 391$; 96.5%). No que concerne às habilitações académicas, verificou-se que grande parte dos participantes têm uma licenciatura ($n = 195$; 48.1%) ou concluíram o ensino secundário equivalente ao 12º ano ($n = 158$; 39%), relativamente à situação profissional a maior parte da amostra é composta por estudantes ($n = 241$; 59.5%). Todos os participantes com idades inferiores a 18 anos, que nunca tenham estado numa relação ou que não compreendam o português escrito serão excluídos. Os dados sócios demográficos encontram-se descritos em detalhe na tabela 1.

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica da amostra

	Homens		Mulheres	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade	21.92	1.77	21.68	1.85
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Nacionalidade				
Portuguesa	73	18.3	319	79.8
Outra	0	0	8	2
Estado Civil				
Solteiro/a	73	18.1	317	78.5
Casado/a / União de Facto	1	0.2	13	3.2

Habilitações Académicas				
Terceiro Ciclo (9º ano)	1	0.2	2	0.5
Ensino Secundário (12º ano)	27	6.7	131	32.4
Ensino pós-secundário (cursos de especialização tecnológica nível IV)	7	1.7	11	2.7
Licenciatura	33	8.2	161	39.9
Mestrado	6	1.5	25	6.2
Situação Profissional				
Estudante	33	8.2	207	51.4
Trabalhador/a-Estudante	20	5	63	15.6
Desempregado/a	6	1.5	15	3.7
Empregado/a	15	3.7	44	10.9

Instrumentos

Questionário sociodemográfico utilizado para levantamento de informação quanto à idade, o estado civil/ situação conjugal, se na atualidade o participante estava num relacionamento amoroso, e as suas habilitações académicas.

SDRS-5 - Socially Desirable Response Set Five-Item Survey (versão original de Hays et al. (1989): versão portuguesa de Pechorro et al. (2019)) composto por cinco afirmações onde é avaliada a desejabilidade social. O participante deve assinalar numa escala de Likert de 1 a 5 a sua concordância com as afirmações, sendo (1) totalmente verdadeiro e (5) totalmente falso (e.g., “Já me aproveitei de outras pessoas para meu ganho pessoal”). Esta medida foi incluída numa tentativa de controlo do possível viés de resposta influenciado pela desejabilidade social. A análise da consistência interna deste instrumento na versão original (Hays et al., 1989) foi vista em duas amostras distintas de pacientes em regime ambulatorio, uma amostra composta por pacientes de serviços médicos ($\alpha = .66$) e uma amostra de pacientes em regime ambulatorio de serviços médicos e de saúde mental ($\alpha = .68$). Um mês depois foi realizado um teste reteste onde a consistência foi de ($\alpha = .75$), o que indica uma consistência aceitável.

No que concerne à versão adaptada para a população portuguesa, a consistência interna para a amostra masculina foi de ($\alpha = .72$) e para a amostra portuguesa foi de ($\alpha = .71$), o que indica uma consistência aceitável (Pechorro et al., 2019). No presente estudo a análise da consistência interna deste instrumento foi de ($\alpha = .56$) para a escala total, o que indica uma consistência aceitável.

EAVN - Attitude Toward Dating Violence Scale (versão original de Price et al. (1999); versão portuguesa de Saavedra et al. (2018)) aborda situações de violência no namoro, e é composto por 76 itens; tem como objetivo medir as atitudes dos sujeitos relativamente à violência psicológica, física e sexual nas relações de intimidade. Encontra-se organizado em seis subescalas, a Parte A com 15 afirmações correspondentes a atitudes acerca da violência psicológica masculina (e.g., “Um rapaz não deve insultar a namorada”), a Parte B com 12 afirmações referentes a atitudes acerca da violência física masculina (e.g., “Algumas raparigas merecem levar uma bofetada do namorado”), a Parte C com 12 afirmações que correspondem a atitudes acerca da violência sexual masculina (e.g., “Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo”), a Parte D com 13 afirmações referentes a atitudes acerca da violência psicológica feminina (e.g., “Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério”), e as Partes E e F ambas com 12 afirmações, que abordam respetivamente, atitudes acerca da violência física feminina e atitudes acerca da violência sexual feminina (e.g., “Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer” e “Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar em ter relações sexuais”), respetivamente. Neste questionário, os participantes assinalam o grau de concordância com as afirmações, numa escala de Likert de 1 a 5, sendo (1) Discordo Totalmente e (5) Concordo Totalmente. Pontuações mais elevadas em cada subescala apontam para uma maior legitimação da utilização de comportamentos abusivos no contexto das relações de intimidade. A análise da consistência interna deste instrumento na versão original (Price et al., 1999) foi de ($\alpha = .68$) para a escala total. No que concerne à versão adaptada para a população portuguesa (Saavedra et al., 2018), apresenta uma consistência interna excelente ($\alpha = .94$). No presente estudo a análise da consistência interna deste instrumento apresenta-se como excelente ($\alpha = .95$). Relativamente à consistência interna das dimensões que integram esta escala foram obtidos os seguintes resultados, Violência Psicológica Masculina ($\alpha = .79$), Violência Física Masculina ($\alpha = .80$), Violência Sexual Masculina ($\alpha = .67$) Violência Psicológica Feminina ($\alpha = .78$, Violência Física Feminina ($\alpha = .85$) e Violência Sexual Feminina ($\alpha = .85$), todas as dimensões apresentaram uma consistência interna muito boa.

Inventário dos Conflitos na relação de namoro de adolescentes - CADRI- S (versão original de Fernández-González et al., (2012); versão portuguesa de Cunha e Cruz., (2021)), aborda acontecimentos que podem ter ocorrido com o/a companheiro/a durante uma discussão, e abrange não só o/a companheiro/a atual como situações ocorridas em relacionamento prévio, contando que ocorreu nos últimos 12 meses. O inventário é composto por 10 afirmações cada uma com duas alíneas, na perspectiva de quem responde sobre os comportamentos face ao seu/sua companheiro/a, (e.g. “Eu insultei a/o minha/meu parceira/o com frases ofensivas”) e outra na perspectiva do participante relativamente aos comportamentos do seu/ da sua companheiro/a face a si (e.g., “A/o minha/meu parceiro/a insultou-me com frases ofensivas”) , os participantes assinalam a frequência com que o acontecimento ocorreu assinalando Nunca (Nunca aconteceu no seu relacionamento), Poucas vezes (Aconteceu apenas 1 a 2 vezes no seu relacionamento), Algumas vezes (Aconteceu 3 a 5 vezes no seu relacionamento), Muitas vezes (Aconteceu 6 ou mais vezes no seu relacionamento) ou N/A (Não se aplica ao seu relacionamento). Para efeito deste estudo apenas foram analisados os itens relativos à perpetração de comportamentos agressivos. A análise da consistência interna deste instrumento na versão original (Fernández-González et al., 2012) foi de ($\alpha = 0.85$) e para a população portuguesa de ($\alpha = .91$). No presente estudo a análise da consistência interna deste instrumento foi de ($\alpha = .80$).

Self-Report Psychopathy Scale – Short Form (SRP-SF) (versão original de Paulhus et al., 2015; versão portuguesa de Seara-Cardoso et al., 2020), composto por 29 afirmações respondidas numa escala de Likert de 1 a 5, sendo (1) Discordo fortemente e (5) Concordo fortemente. Os itens podem ser agrupados em dois fatores ou quatro facetas. O fator 1 engloba a faceta fator interpessoal (e.g., “Já fingi ser outra pessoa para conseguir algo”) e a faceta afetiva, caracterizada pela insensibilidade, (e.g., “A maioria das pessoas são fracas.”). O fator 2 inclui a faceta Estilo de Vida, caracterizada por comportamentos antissociais precoces (e.g., “Raramente sigo regras”) e a faceta Estilo Antissocial, que é caracterizada pela necessidade de estimulação (e.g., “Já agredi um agente da autoridade ou um assistente social”). Na versão original SRP-SF, mostrou-se como escala válida para a população obtendo uma consistência interna de ($\alpha = .90$). No estudo de Seara-Cardoso et al. (2020) a SRP-SF demonstrou-se como escala válida para a população europeia, com uma consistência interna excelente ($\alpha = .87$) para a escala total. Cada dimensão obteve os seguintes valores de consistência interna: Dimensão Interpessoal ($\alpha = .76$), Dimensão Afetiva ($\alpha = .70$), Dimensão Estilo de Vida ($\alpha = .76$) e Dimensão Antissocial ($\alpha = .71$).

No presente estudo a escala SRP-SF obteve uma consistência interna aceitável de ($\alpha = .82$) para a escala total. Relativamente à consistência interna das dimensões que integram esta escala foram obtidos os seguintes resultados: Dimensão Interpessoal ($\alpha = .71$), Dimensão Afetiva ($\alpha = .62$), Dimensão Estilo de Vida ($\alpha = .58$) e Dimensão Antissocial ($\alpha = .08$). De todas as dimensões, a Dimensão Antissocial foi a única a apresentar uma consistência inaceitável.

Procedimentos

Esta proposta de estudo foi submetida à comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, que resultou num parecer positivo. A aprovação foi dada a um estudo alargado denominado por “The role of positive and negative childhood experiences on antisocial behavior”, do qual derivam diferentes trabalhos, entre eles, o presente estudo.

A amostra deste estudo foi recolhida por um método não probabilístico de conveniência, uma vez que o questionário, aplicado na plataforma Qualtrics, foi partilhado com amigos e familiares dos investigadores e estudantes envolvidos neste projeto e divulgado nas redes sociais da universidade. De forma a responder a este questionário, os participantes teriam de ter acesso a um dispositivo com ligação à internet e após terminarem o preenchimento, o acesso ao mesmo fica impedido, ou seja, apenas é válido um preenchimento do questionário, por cada dispositivo. Os dados foram recolhidos desde meados do final do mês de abril de 2021 até ao final de fevereiro de 2022. No presente estudo o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos estão garantidos. Antes dos participantes responderem ao questionário, eram transmitidas algumas informações a este respeito, através do consentimento informado, onde vinham também explicados todos os objetivos deste estudo e a sua duração. Os foram informados do carácter voluntário e de que podiam desistir a qualquer momento, não havendo lugar benefício ou prejuízo (como riscos físicos, psicológicos, legais ou sociais) pela sua participação foram disponibilizados os contactos dos investigadores responsáveis caso os participantes sentissem a necessidade de reportar algo ou esclarecer dúvidas quanto ao estudo. Durante a realização de todo o questionário não foram recolhidos dados que possibilitassem a identificação dos participantes.

A equipa de investigação foi responsável pela importação e preparação dos dados para o programa de análise estatística IBM SPSS, bem como o seu armazenamento e proteção.

Plano Analítico

O tratamento e análise dos dados foi realizado com o IBM SPSS Statistics 29.0.0.0. Primeiramente os dados recolhidos foram alvo de uma análise descritiva para estudo da-distribuição das respostas aos itens/instrumentos utilizados. De forma a garantir que os pressupostos da normalidade estavam a ser cumpridos, foram analisados os valores da Curtose e Assimetria, e assumido o pressuposto da normalidade se estes estivessem incluídos no intervalo de confiança de $[-1,96; 1,96]$ (Marôco, 2014). Os valores obtidos para as variáveis utilizadas neste estudo encontram-se dentro deste intervalo. Foi avaliada a consistência interna dos instrumentos utilizados neste estudo utilizando o alfa de Cronbach, segundo Cronbach (1951) valores inferiores a 0.6 são considerados inaceitáveis, valores entre 0.7 e 0.8 são considerados aceitáveis, valores entre 0.8 e 0.9 são considerados bons e valores iguais ou superiores a 0.9 são considerados elevados.

Realizaram-se correlações e foram utilizados os intervalos propostos por Cohen et al. (2003). Desta forma, um valor r entre 0.1 e 0.3 é indicador de uma correlação fraca, entre 0.3 e 0.5 de uma correlação moderada e um valor de r superior a 0.5 é sinónimo de uma correlação forte.

De forma a analisar o tamanho do efeito através do d de Cohen, foram utilizados os intervalos propostos pelo autor (Cohen, 1988), desta forma, um valor entre 0.2 e 0.3 corresponde a um efeito pequeno, um valor entre 0.5 e 0.8 corresponde a um efeito médio e um valor superior a 0.8 indica um efeito grande.

Para testar as duas primeiras hipóteses foram utilizados Teste T-Student, para análise da terceira hipótese, e hipótese exploratória, foi utilizada uma correlação. Uma vez que na segunda hipótese era proposto ver diferenças mediante o nível de escolaridade, foram criados dois grupos, um relativo à escolaridade mínima obrigatória, e outro relativo ao ensino superior, licenciatura, mestrado e doutoramento. Para isso foi feita uma recodificação da variável habilitações numa variável diferente, que possibilitou a criação de uma nova variável já com os grupos criados.

Resultados

Em seguida será feita uma breve descrição de natureza descritiva dos instrumentos utilizados no presente estudo.

Conforme apresentado na Tabela 2, a média da pontuação total de perpetração para o CADRI varia mediante o sexo, sendo a média mais elevada para as mulheres do que para os homens

Mariana Guedes Rolo – Perpetradores de Violência na Intimidade: Atitudes e Traços de Psicopatia em Jovens Adultos

($M = 1.521$, $DP = 1.982$; $M = 1.081$, $DP = 1.487$), respetivamente.

No que concerne ao tamanho do efeito, o total de perpetração através do Cadri apresenta um efeito pequeno.

Tabela 2

Estatística descritiva do Cadri

	Homens			Mulheres			$t(gl)$	Intervalo de confiança de 95%		p	d Cohen
	N	M	DP	N	M	DP		Limite Inferior	Limite Superior		
							-2.153				
Total	74	1.081	1.487	330	1.521	1.982	(137.848)	-.484	.021	.017	-.231

Nota. Total Total de Perpetração

Relativamente ao EAVN, conforme apresentado na Tabela 3, pode ser destacada a dimensão Violência Psicológica Masculina como a que apresenta médias mais elevadas para ambos os sexos, no que diz respeito às médias mais baixas pode ser destacada a dimensão Violência Física Masculina para os homens e a dimensão Violência Sexual Feminina para as mulheres.

No que concerne ao tamanho do efeito, a Violência Sexual Masculina apresenta um efeito pequeno ($d=.019$) e Violência Psicológica Feminina um efeito pequeno ($d = .248$). Todas as outras dimensões apresentaram um efeito pequeno e negativo.

Tabela 3

Estatística descritiva do EAVN

	Homens			Mulheres			<i>t</i> (<i>gl</i>)	Intervalo de		<i>p</i>	<i>d</i> <i>Cohen</i>
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		confiança de 95%			
								<i>Limite Inferior</i>	<i>Limite Superior</i>		
VPM	74	26.446	6.950	330	20.242	5.195	8.682 (402)	.852	1.380	<.001	-.189
VFM	74	17.027	5.610	330	14.697	4.370	3.921 (402)	.250	.758	.003	-.101
VSM	73	21.630	4.900	330	17.918	3.103	8.212 (401)	.798	1.325	<.001	.019
VPF	72	22.250	5.641	328	19.256	4.570	4.814 (398)	.367	.885	<.001	.248
VFF	72	18.333	6.768	328	15.021	5.121	4.668 (398)	.349	.866	<.001	-.272
VSF	71	20.408	6.694	328	14.512	4.358	9.284 (397)	.944	1.485	<.001	-.231

Nota. *VPM* Violência Psicológica Masculina, *VFM* Violência Física Masculina, *VSM* Violência Sexual Masculina, *VPF* Violência Psicológica Feminina, *VFF* Violência Física Feminina, *VSF* Violência Sexual Feminina

Relativamente ao SRP-SF, conforme apresentado na Tabela 4, pode ser destacada a Faceta Estilo de Vida como a que apresenta médias mais elevadas para ambos os sexos, ($M = 21.959$, $DP = 4.815$; $M = 19.609$, $DP = 3.739$), para homens e mulheres, respetivamente.

No que diz respeito às médias mais baixas pode ser destacada a Faceta Antissocial para os homens ($M = 19.919$; $DP = 2.509$) e a Faceta Afetiva para as mulheres ($M = 17.930$; $DP = 3.468$).

No que concerne ao tamanho do efeito, todas as facetas apresentam um efeito entre médio a grande.

Tabela 4

Estatísticas descritivas do SRP-SF

	Homens			Mulheres			$t(gl)$	Intervalo confiança	p	d Cohen
	N	M	DP	N	M	DP				
AFF	74	19.946	3.810	330	17.930	3.468	4.436 (402)	.825	<.001	.571
INT	74	21.554	4.815	330	18.306	4.068	5.993 (402)	1.028	<.001	.771
LIF	73	21.959	4.018	330	19.609	3.739	4.819 (402)	.875	<.001	.620
ANT	72	19.919	2.509	330	18.982	1.757	3.050 (89.703)	.743	.003	.489

Nota. **AFF** Faceta Afetiva, **INT** Faceta Interpessoal, **LIF** Faceta Estilo de Vida, **ANT** Faceta Antissocial

H1: Indivíduos do sexo masculino toleram e legitimam mais a VRI do que indivíduos do sexo feminino

De forma a testar a hipótese supramencionada, foram distribuídas as alíneas correspondentes ao EAVN pelas 6 dimensões respetivas, sendo estas: Violência Psicológica Masculina, Violência Física Masculina, Violência Sexual Masculina, Violência Psicológica Feminina, Violência Física Feminina e Violência Sexual Feminina.

Posto isto, seguidamente foi realizado um Teste T-student para amostras independentes, sendo as 6 dimensões do EAVN, anteriormente criadas, as variáveis a testar e o “sexo” a *grouping variable*. Os resultados estão apresentados em detalhe na tabela 3. De acordo com os resultados encontrados verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os sexos para a todas as dimensões do EAVN, no sentido de os homens terem apresentado um nível superior de legitimação da violência em relação às mulheres, apesar da diferença no número de participantes por sexo (masculino (n=71) e feminino (n=326)).

H2: Indivíduos com mais escolaridade apresentam atitudes menos legitimadoras face à VRI, comparativamente com indivíduos com menor escolaridade.

De forma a testar a hipótese supramencionada, foram criados 2 grupos relativamente à escolaridade, o grupo 1 que abrange todos os participantes que têm a escolaridade mínima obrigatória, ou seja, do primeiro ciclo até ao 12º ano de escolaridade, o grupo 2 inclui todos os participantes que se encontram a frequentar ou já frequentaram o ensino superior, licenciatura, mestrado e doutoramento.

Os cursos de especialização tecnológica nível IV, segundo informação recolhida são cursos pós-secundário, não superior e por isso todos os participantes que frequentam ou já frequentaram estes cursos, estão incluídos no grupo 1.

De seguida foi realizado um Teste T Student para amostras independentes, sendo as seis dimensões do EAVN, anteriormente criadas, as variáveis a testar e as habilitações académicas, a *grouping variable*. Os resultados são apresentados na tabela 5.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre o nível de habilitações académicas (obrigatória e superior) e a dimensão Violência Sexual Masculina ($t(401) = 1.461$; $p = .072$), com um efeito pequeno ($d = .147$).

Verificaram-se, no entanto, diferenças estatisticamente significativas entre o nível de habilitações académicas (obrigatória e superior) e as dimensões Violência Psicológica Masculina e Violência Física Masculina ($t(402) = 1.948$; $p = .026$) com um efeito grande ($d = .195$) e ($t(310.157) = 2.120$; $p = .017$) com um efeito pequeno ($d = .220$), respetivamente.

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre o nível de habilitações académicas para a dimensão Violência Física Feminina ($t(307.553) = 1.945$; $p = .026$) com um efeito pequeno ($d = .203$).

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre o nível de habilitações académicas para as dimensões Violência Psicológica Feminina e Violência Sexual Feminina, ($t(321.048) = .877$; $p = .191$) com um efeito baixo ($d = .091$) e ($t(397) = .230$; $p = .409$) com um efeito baixo ($d = .023$), respetivamente.

Tabela 5

Diferenças entre o nível de Habilitações Académicas para as Atitudes Legitimadoras da Violência - Teste T Student

	Grupo 1			Grupo 2			$t(gl)$	Intervalo de confiança de 95%		p	d Cohen
	N	M	DP	N	M	DP		Limite Inferior	Limite Superior		
VPM	179	22.033	6.475	225	20.938	5.757	1.948 (402)	-.010	2.362	.026	.195
VFM	179	15.698	5.497	225	14.699	3.931	2.120 (310.157)	.074	1.989	.017	.220
VSM	178	18.899	3.872	225	18.411	3.801	1.461 (401)	-.191	1.295	.072	.147
VPF	176	20.045	5.593	224	19.649	4.358	.877 (321.048)	-.556	1.451	.191	.091
VFF	177	16.249	6.533	223	15.147	4.681	1.945 (307.553)	-.013	2.277	.026	.203
VSF	176	15.631	5.5275	223	15.562	5.276	.230 (397)	-.937	1.185	.409	.023

Nota. Grupo 1 Escolaridade mínima obrigatória, Grupo 2 Ensino Superior

Com base nos resultados obtidos pode ser observado o impacto do nível de habilitações académicas na presença de atitudes legitimadoras da violência, no sentido em que todos os indivíduos, independentemente do sexo, com escolaridade até à obrigatória demonstraram mais atitudes legitimadoras da violência em comparação com indivíduos com o ensino superior.

H3: Indivíduos que obtenham uma pontuação mais elevada na Faceta Interpessoal - Afetiva demonstram maior associação com prática de agressão na intimidade em comparação com os indivíduos que pontuam mais na Faceta Estilo de Vida - Antissocial.

Para testar a hipótese supramencionada foram realizadas correlações de Pearson, descritas em detalhe na tabela 6. É possível aferir que apesar de todas as variáveis se relacionam entre elas positivamente e significativamente. Os resultados indicam que a Faceta Interpessoal bem como a Faceta Afetiva estão fracamente correlacionadas com a prática de agressões, apresentando uma correlação de ($r(402) = .144, p = .004$; $r(402) = .163, p < .001$), respetivamente. O mesmo se verifica com a Faceta Estilo de Vida e Faceta Psicopatia Antissocial que se encontra fracamente correlacionada com a prática de agressões, apresentando uma correlação de ($r(402) = .102, p = .041$; $r(402) = .117, p = .018$), respetivamente.

Em suma, é possível verificar que uma pontuação mais elevada em qualquer uma das facetas, neste caso Faceta Interpessoal - Afetiva e Faceta Estilo de Vida - Antissocial, não apresentam uma associação à prática de agressões.

Tabela 6

Correlações Bivariadas de Pearson entre as variáveis

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. AFF	1									
2. INT	.632**	1								
3. LIF	.536**	.539**	1							
4. ANT	.360**	.375**	.278**	1						
5. Cadri Total Perp	.163**	.144**	.102**	.117**	1					
6. VPM	.276**	.312**	.226**	.223**	.230**	1				
7. VFM	.253**	.243**	.164**	.229**	.256**	.631**	1			
8. VSM	.238**	.278**	.217**	.240**	.145**	.536**	.514**	1		
9. VPF	.254**	.310**	.166**	.179**	.272**	.624**	.615**	.538**	1	
10.VFF	.260**	.275**	.143**	.209**	.265**	.570**	.664**	.563**	.728**	1
11. VSF	.226**	.259**	.204**	.204**	.099**	.572**	.460**	.696**	.529**	.624**

Nota. **= p <.001; *= p < .005.

AFF Faceta Afetiva, *INT* Faceta Interpessoal, *LIF* Faceta Estilo de Vida, *ANT* Faceta Antissocial; *Cadri Total Perp* Total de Perpetração medido pelo CADRI; *VPM* Violência Psicológica Masculina, *VFM* Violência Física Masculina, *VSF* Violência Sexual Masculina, *VPF* Violência Psicológica Feminina, *VFF* Violência Física Feminina, *VSF* Violência Sexual Feminina

Hipótese Exploratória: Relação entre as quatro facetas da psicopatia e as atitudes legitimadoras da violência nas relações de intimidade.

Para dar resposta à hipótese exploratória proposta, realizaram-se as correlações apresentadas na tabela 9. As correlações de Pearson entre as variáveis do estudo indicam que todas as variáveis se relacionam entre elas positivamente e com um nível de significância de 99% (Tabela 6). Os resultados indicaram que a variável Psicopatia Afetiva está fracamente correlacionada com todos os tipos de atitudes legitimadoras de violência, podendo destacar a correlação entre a psicopatia afetiva e atitudes face à violência psicológica masculina ($r(402) = .276, p < .001$).

O mesmo se verifica com a variável Psicopatia Antissocial que se encontra fracamente correlacionada com todos os tipos de atitudes legitimadoras de violência, podendo destacar a correlação entre a psicopatia antissocial e atitudes face à violência física masculina ($r(402) = .229, p < .001$).

Por fim, a variável Psicopatia Estilo de Vida encontra-se fracamente correlacionada com todos os tipos de atitudes legitimadoras de violência, podendo destacar a correlação entre a psicopatia estilo de vida e atitudes face à violência psicológica masculina como a mais elevada ($r(402) = .226, p < .001$).

O mesmo já não se verifica com a variável Psicopatia Interpessoal, que se apresenta moderadamente correlacionada com as atitudes face à Violência Psicológica Masculina ($r(402) = .312, p < .001$) e as atitudes face à Violência Psicológica Feminina ($r(398) = .310, p < .001$). Com os outros tipos de atitudes legitimadoras de violência, a variável demonstrou estar fracamente relacionada.

Em suma, apesar de todas as variáveis se relacionam entre elas positivamente e significativamente, apenas a correlação entre a Psicopatia Interpessoal e as atitudes face à Violência Psicológica Masculina e as atitudes face à Violência Psicológica Feminina se demonstrou moderada.

Discussão

O presente estudo tem como objetivo explorar a presença de atitudes legitimadoras da violência bem como a presença de traços de psicopatia em jovens adultos no contexto universitário.

Apesar deste fenómeno da violência em relações de intimidade ter sido objeto de estudo, em Portugal, continuam a ser poucos os estudos que exploram esta temática com uma amostra mais jovem.

Hickman e colaboradores (2004) defendem que as universidades são vistas como um contexto perfeito para o estudo de temáticas relacionadas com relações de intimidade em jovens, o que pode ser explicado não só pelo pico da violência ocorrer no início da idade adulta, por volta dos 24 anos, mas também pelas vantagens que traz aos estudos empíricos, nomeadamente, na recolha de dados (Paiva e Figueiredo, 2005; Straus et al., 2004). Neste sentido, este estudo visa analisar, numa amostra comunitária de jovens adultos, a presença de atitudes legitimadoras da violência e ainda, a associação de traços de psicopatia nestas atitudes e na perpetração de VRI.

A primeira hipótese formulada “Indivíduos do sexo masculino toleram e legitimam mais a VRI do que indivíduos do sexo feminino.” confirmou-se, na medida em que os dados revelam que os homens apresentam um nível superior de legitimação da violência em relação às mulheres para a todas as dimensões do EAVN.

Os resultados obtidos no presente estudo demonstram-se congruentes com estudos anteriores de Machado et al. (2010) onde os autores defendem que os homens apresentam mais atitudes legitimadoras da violência nas relações de intimidade bem como uma maior predisposição para culpabilizarem as vítimas no caso de serem do sexo feminino, mas o mesmo já não se verifica com vítimas do sexo masculino, onde os homens se demonstram desaprovados da violência.

Existem vários estudos que associam a legitimação da violência por parte de indivíduos do sexo masculino a uma perceção de que a violência exercida sobre as mulheres é vista como menos prejudicial, séria e lesiva (Flood & Pease, 2009).

Vários estudos indicam que as mulheres responsabilizam mais os agressores homens e julgam negativamente os episódios de violência no contexto das relações de intimidade, caracterizando os mesmos como severos e ofensivos, independentemente do tipo da violência exercida, seja ela, física, psicológica ou sexual, parecem ainda demonstrar mais consciência para as consequências que este tipo de episódios pode trazer a curto e longo prazo (Bryant & Spencer, 2003; Pierce & Jackson Harri, 1993; Strömwall et al., 2014).

Ademais as mulheres atribuem menos culpa à mulher vítima e adotam uma postura mais empática para com as vítimas, recomendado que as mesmas apresentem queixa fazendo

assim com que o agressor seja devidamente identificado e punido. (Poorman et al., 2003; Seelau et al., 2003).

Concluindo, parece consensual que os homens apresentam mais atitudes legitimadoras da violência bem como minimizam o impacto que a mesma pode vir a ter no futuro.

A segunda hipótese apresentada “Indivíduos com mais escolaridade apresentam atitudes menos legitimadoras face à VRI, comparativamente com indivíduos com menor escolaridade.” foi igualmente confirmada. Os resultados vão de encontro ao trabalho de Boyle et al. (2009) onde os autores defendem que um nível superior de habilitações se associa a uma menor probabilidade de os indivíduos legitimarem a violência, apresentado assim uma correlação entre um nível educacional mais baixo e a legitimação da violência no contexto de relações de intimidade. A mesma descoberta vem a ser corroborada por Uthman e colaboradores (2010) e Waltermaurer e colaboradores (2013) na medida em que todos os autores defendem que a educação reduz a probabilidade dos indivíduos adotarem atitudes legitimadoras da violência, em específico contra mulheres.

Como pode ser verificado, no presente estudo todos os indivíduos, independentemente do sexo, com escolaridade mínima obrigatória demonstraram mais atitudes legitimadoras da violência, o que se traduz numa maior aceitação da violência em comparação com indivíduos com o ensino ou superior. Um estudo realizado por Zaatut e Haj-Yahia (2016) apenas com mulheres concluiu que quanto menor fosse o nível de educação da mulher, maior seria a sua tendência para justificar a violência e para culpabilizar as mulheres vítimas.

Carlson e Worden (2005) concluíram que indivíduos com um nível mais baixo de escolaridade estavam mais propensos a considerar a violência uma resposta normal em situações de stress.

Em Portugal, foi realizado um estudo por Machado e colaboradores (2010) com uma amostra entre os 13 e os 29 anos, onde foi possível aferir que participantes com menores níveis de educação apresentavam mais atitudes de apoio em relação à violência perspetivando a mesma como algum comum.

Em Espanha foi realizado um estudo por Gracia e Tomás (2014) que vem corroborar descobertas anteriores afirmando que a culpabilização da vítima mulher é mais recorrente entre pessoas menos instruídas.

A terceira hipótese “Indivíduos que obtenham uma pontuação mais elevado na faceta Interpessoal - Afetiva demonstram maior associação com a prática de agressões em comparação com os indivíduos que pontuam mais na Faceta Estilo de Vida – Antissocial” não se confirmou. Os resultados obtidos para esta hipótese demonstram que uma pontuação mais elevada em qualquer uma das facetas, neste caso Faceta Interpessoal - Afetiva e Faceta Estilo de Vida - Antissocial, não se revelaram associadas com a prática de agressões. Os resultados do presente estudo corroboram o estudo de Robertson et al. (2020) onde os autores revelam que nenhuma faceta da psicopatia se verificou associada à VRI, à semelhança do presente estudo. No entanto, grande parte da literatura consultada não se demonstra consensual com os resultados encontrados. Se por um lado há estudos que demonstram relações entre uma faceta ou um fator e a prática de violência, por outro há estudos que revelam existir uma relação entre todas as facetas.

Kruh e colaboradores (2005) reportam uma relação entre a Faceta Afetiva e a prática de agressões em relações de intimidade, segundo os autores, esta descoberta pode ser explicada pelas características inerentes a esta faceta, neste caso a ausência de culpa ou remorso e a frieza emocional, que torna para os indivíduos que pontuam mais nesta faceta, a prática de agressões.

Colins e colaboradores (2015), por sua vez, realizaram um estudo acerca do impacto de traços psicopáticos na prática de criminalidade, VRI e uso de substâncias, numa amostra de jovens estudantes de uma escola pública em Pittsburgh onde apresentam resultados que indicam que a Faceta Estilo de Vida e a Faceta Antissocial demonstram uma relação com a prática de agressões. Por outro lado, um estudo de Mager et al. (2014) revelam que foram encontradas associações entre todas as facetas da psicopatia e a violência perpetrada por um parceiro íntimo. Em 2018 surgem estudos de Cunha e colaboradores e de Iyican e Babcock que apresentam resultados contraditórios ao do estudo supramencionado, descrevendo uma clara associação entre a Faceta Interpessoal e Faceta Afetiva com a prática de agressões em relações de intimidade.

Relativamente à hipótese exploratória “Explorar a relação entre as quatro facetas da psicopatia e as atitudes legitimadoras da violência nas relações de intimidade.” Esta hipótese foi criada com o intuito de explorar se existia alguma relação entre as quatro facetas da psicopatia, Faceta Interpessoal, Faceta Afetiva, Faceta Antissocial e Faceta Estilo de Vida e as seis dimensões do EAVN, Violência Psicológica Masculina, Violência Física Masculina,

Violência Sexual Masculina, Violência Psicológica Feminina, Violência Física Feminina e Violência Sexual Feminina, para isso foi feita uma correlação de Pearson.

É esperado com base em estudos já realizados (e.g., Czar et al., 2011; Mager et al., 2014; Muñoz et al., 2010) que os traços de psicopatia estejam positivamente relacionados com a prática de agressões de carácter físico e abuso sexual em contexto de relações de intimidade.

Flight e Forth (2007) demonstram uma associação entre as Facetas Interpessoal e Afetiva com a Violência Instrumental, o que vem a ser corroborado anos mais tarde por Methot-Jones et al. (2019) e Blais et al. (2019) destacando ainda uma relação forte entre as Facetas Estilo de Vida e Antissocial e a Violência Reativa.

Os resultados do presente estudo demonstram que apesar de todas as variáveis se relacionam entre elas positivamente e significativamente, apenas a correlação entre a Psicopatia Interpessoal e a Violência Psicológica Masculina e Violência Psicológica Feminina se demonstrou moderada.

O que se demonstrou congruente com a literatura consultada tendo em consideração que segundo a *The National Domestic Violence Hotline* a VRI pode ser vista como um padrão de comportamento num relacionamento usado para ganhar ou manter poder e controle sobre um parceiro íntimo (e as características associadas à Faceta Interpessoal, nomeadamente, a manipulação, o narcisismo, afeto superficial, recurso a mentiras e incapacidade de aceitar responsabilidades, características estas que tornam mais propenso o recurso à violência psicológica (Cooke & Michie, 2001).

Ademais Hervé e colaboradores (2001) e Pozueco e colaboradores (2013) destacam ainda como principais motivos de entrada e manutenção de relações a necessidade de poder, controlo e ganho pessoal pelo que recorrem à violência como forma de atingir estes fins. Não deixa de ser igualmente interessante que apesar de a correlação entre a Psicopatia Interpessoal e a Violência Psicológica ainda que moderada apresente discrepâncias relativamente aos sexos, no sentido de existirem mais atitudes legitimadoras da Violência Psicológica Masculina do que da Violência Psicológica Feminina.

Limitações

Este estudo apresenta-se como um importante contributo sobre a violência nas relações de intimidade em jovens adultos portugueses, no entanto é importante mencionar que o mesmo apresenta algumas limitações que poderão ter influência nos resultados obtidos.

Primeiramente pode ser destacado o processo de recolha da amostra, para o presente estudo uma vez que a amostra foi recolhida através de um questionário online cuja divulgação ocorreu entre amigos e familiares dos investigadores e estudantes envolvidos neste projeto, adicionalmente, ocorreu também a partilha nas redes sociais da universidade.

Apesar de a utilização de um questionário disponível numa plataforma online ser um processo facilitador para difundir o estudo, para o seu preenchimento os participantes teriam de ter acesso a um dispositivo com ligação à internet e a utilização deste método não probabilístico fez com a amostra não seja clinicamente representativa, adicionalmente, não existe uma distribuição homogénea dos participantes entre os sexos.

Em estudos futuros, considero ainda que poderá ser interessante este estudo ser alargado a mais comunidades universitárias em Portugal, tornando possível realizar uma comparação no que diz respeito às atitudes legitimadoras da violência e à presença de traços de psicopatia em função da zona de residência.

Conclusão

Implicações práticas

Espera-se que o presente estudo possa ainda contribuir para a fomentação de programas de prevenção e intervenção junto desta faixa etária, reforçando a necessidade da existência dos mesmos para que os jovens sejam consciencializados do impacto que atitudes e comportamentos podem ter, tanto para quem pratica a violência como para quem é vítima.

É importante demonstrar aos jovens que existem vários tipos de violência não só a violência física, mas também sexual e psicológica, que todas têm um grande impacto tanto na saúde física como psicológica e que estes efeitos podem ser vistos apenas a longo prazo, explicar que a violência não é sempre dicotómica nem pode ser explicada através da visão patriarcal, em que o homem é o agressor e a mulher a vítima.

Tendo em conta que (Hickman et al., 2004) defendem que as universidades são vistas como um contexto perfeito para o estudo desta temática, considero ainda que as universidades deveriam investir em projetos com foco na prevenção e consciencialização dos jovens adultos

bem como na desconstrução das crenças legitimadoras da violência, com base num estudo recente (Neves et al., 2021) relativo à violência no namoro numa amostra do ensino superior foi possível verificar que os jovens apresentam crenças de que a proporção de violência na intimidade praticada por homens é superior à das mulheres e que a proporção de violência sofrida pelas mulheres é superior à dos homens, afirmam ainda que as pessoas mais velhas são as que praticam mais violência e as que têm mais tendência a serem consideradas vítimas.

Nesta linha, poderiam ser feitos seminários e conferências sobre esta temática com a presença de algumas entidades como por exemplo a associação Plano I que oferece um programa dedicado aos estudantes denominado Uni+ (Neves et al., 2021).

Considero ainda que seria benéfico para esta população existir a possibilidade de um acompanhamento psicológico dentro das instituições de ensino, de carácter gratuito e caso seja necessário, o encaminhamento para outros serviços mais especializados.

É de salientar que apesar de muitas instituições já oferecerem este acompanhamento muitas das vezes o mesmo não é devidamente partilhado com os alunos, acabando os mesmos por ou não recorrer a serviços de psicologia ou, caso consigam, recorrer a serviços particulares fora das instituições.

Referências

- Abramsky, T., Watts, C. H., Garcia-Moreno, C., Devries, K., Kiss, L., Ellsberg, M., Jansen, H. A. F. M., & Heise, L. (2011). What factors are associated with recent intimate partner violence? findings from the WHO Multi-country Study on women's Health and Domestic Violence. *BMC Public Health, 11*. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-11-109>
- Anderson, D. K., & Saunders, D. G. (2003). Leaving An Abusive Partner: An Empirical Review of Predictors, the Process of Leaving, and Psychological Well-Being. *Trauma, Violence, & Abuse, 4*(2), 163–191. <https://doi.org/10.1177/1524838002250769>
- Antunes, J., & Machado, C. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica, 2*, 93–107.
- Bandura, A., Ross, D., & Ross, S. A. (1961). TRANSMISSION OF AGGRESSION THROUGH IMITATION OF AGGRESSIVE MODELS 1. In *Journal of Abnormal and Social Psychology* (Vol. 63, Issue 3).
- Bar-Tal, D., & Hammack, P. L. (2012). Conflict, Delegitimization, and Violence. In *The Oxford Handbook of Intergroup Conflict*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199747672.013.0003>
- Blais, J., Solodukhin, E., & Forth, A. E. (2014). A Meta-Analysis Exploring the Relationship Between Psychopathy and Instrumental Versus Reactive Violence. *Criminal Justice and Behavior, 41*(7), 797–821. <https://doi.org/10.1177/0093854813519629>
- Boyle, D. J., O'Leary, K. D., Rosenbaum, A., & Hassett-Walker, C. (2008). Differentiating between generally and partner-only violent subgroups: Lifetime antisocial behavior, family of origin violence, and impulsivity. *Journal of Family Violence, 23*(1), 47–55. <https://doi.org/10.1007/s10896-007-9133-8>
- Boyle, M. H., Georgiades, K., Cullen, J., & Racine, Y. (2009). Community influences on intimate partner violence in India: Women's education, attitudes towards

- mistreatment and standards of living. *Social Science and Medicine*, 69(5), 691–697. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2009.06.039>
- Bryant, S. A., & Spencer, G. A. (2003). University Students' Attitudes About Attributing Blame in Domestic Violence. In *Journal of Family Violence* (Vol. 18, Issue 6).
- Capaldi, D. M., Knoble, N. B., Shortt, J. W., & Kim, H. K. (2012). A Systematic Review of Risk Factors for Intimate Partner Violence. *Partner Abuse*, 3(2), 231–280. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.3.2.231>
- Carlson, B. E., & Worden, A. P. (2005). Attitudes and beliefs about domestic violence: Results of a public opinion survey: I. Definitions of domestic violence, criminal domestic violence, and prevalence. *Journal of Interpersonal Violence*, 20(10), 1197–1218. <https://doi.org/10.1177/0886260505278530>
- Colins, O., Andershed, H., & Pardini, D. (2015). Psychopathic Traits as Predictors of Future Criminality, Intimate Partner Aggression, and Substance Use in Young Adult Men. *Law and Human Behavior*. <https://doi.org/10.1037/lhb0000148.suppl>
- Cooke, D. J., & Michie, C. (2001). Refining the construct of psychopathy: Towards a hierarchical model. *Psychological Assessment*, 13(2), 171–188. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.13.2.171>
- Cunha, O., Braga, T., & Gonçalves, R. A. (2018). Psychopathy and Intimate Partner Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(3–4), NP1720-1738NP. <https://doi.org/10.1177/0886260518754870>
- Cunha, O. S., & Gonçalves, R. A. (2019). Predictors of Intimate Partner Homicide in a Sample of Portuguese Male Domestic Offenders. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(12), 2573–2598. <https://doi.org/10.1177/0886260516662304>
- Echeburúa, E., & Amor, P. J. (2010). Perfil psicopatológico e intervención terapéutica con los agresores contra la pareja. *Revista Espanola de Medicina Legal*, 36(3), 117–121. [https://doi.org/10.1016/S0377-4732\(10\)70040-7](https://doi.org/10.1016/S0377-4732(10)70040-7)
- Eckhardt, C. I., Samper, R., Suhr, L., & Holtzworth-Munroe, A. (2012). Implicit Attitudes Toward Violence Among Male Perpetrators of Intimate Partner Violence: A Preliminary Investigation. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(3), 471–491. <https://doi.org/10.1177/0886260511421677>

- Fernández-González, L., Wekerle, C., & Goldstein, A. L. (2012). Measuring adolescent dating violence: Development of Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI) Short Form. *Advances in Mental Health*, 2280–2324. <https://doi.org/10.5172/jamh.2012.2280>
- Fernández-Montalvo, J. & E. E. (2008). Transtornos de personalidad y psicopatía en hombres condenados por violencia grave contra la pareja. *Psichotema*, 20(2), 193–198.
- Fernández-Suárez, A., Pérez, B., Herrero, J., Juarros-Basterretxea, J., & Rodríguez-Díaz, F. J. (2018). The role of psychopathic traits among intimate partner-violent men: A systematic review. *Revista Iberoamericana de Psicología y Salud*, 9(2), 84–114. <https://doi.org/10.23923/j.riips.2018.02.017>
- Figueiredo, R., Rola, R., & Oliveira, M. S. (2019). *O ESTATUTO DE VÍTIMA NA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. A ATRIBUIÇÃO DO ESTATUTO DE VÍTIMA ÀS CRIANÇAS QUE VIVEM O CRIME THE VICTIM'S STATUS IN DOMESTIC VIOLENCE. ATTRIBUTING VICTIM STATUS TO CHILDREN LIVING VIOLENCE CRIME*. www.ejc-reeps.com
- Flight, J. I., & Forth, A. E. (2007). Instrumentally violent youths: The roles of psychopathic traits, empathy, and attachment. *Criminal Justice and Behavior*, 34(6), 739–751. <https://doi.org/10.1177/0093854807299462>
- Flood, M., & Pease, B. (2009). Factors influencing attitudes to violence against women. In *Trauma, Violence, and Abuse* (Vol. 10, Issue 2, pp. 125–142). <https://doi.org/10.1177/1524838009334131>
- Gage, A. J., & Hutchinson, P. L. (2006). Power, control, and intimate partner sexual violence in Haiti. *Archives of Sexual Behavior*, 35(1), 11–24. <https://doi.org/10.1007/s10508-006-8991-0>
- Gilliom, M., Shaw, D. S., Beck, J. E., Schonberg, M. A., & Lukon, J. L. (2002). Anger regulation in disadvantaged preschool boys: strategies, antecedents, and the development of self-control. *Developmental Psychology*, 38(2), 222–235. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.38.2.222>

- Gracia, E., & Tomás, J. M. (2014). Correlates of Victim-Blaming Attitudes Regarding Partner Violence Against Women Among the Spanish General Population. *Violence Against Women*, 20(1), 26–41. <https://doi.org/10.1177/1077801213520577>
- Gwartney-Gibbs, P. A., Stockard, J., & Bohmer, S. (1987). Learning Courtship Aggression: The Influence of Parents, Peers, and Personal Experiences. In *Source: Family Relations* (Vol. 36, Issue 3).
- Hare, R. D. (1980). *A research scale for the assessment of psychopathy in criminal populations* (Issue 1).
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2008). Psychopathy as a clinical and empirical construct. *Annual Review of Clinical Psychology*, 4, 217–246. <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091452>
- Hays, R. D., Hayashi, T., & Stewart, A. L. (1989). A five-item measure of socially desirable response set. *Educational and Psychological Measurement*, 49(3), 629–636. <https://doi.org/10.1177/001316448904900315>
- Henning, K., & Holdford, R. (2006). Minimization, denial, and victim blaming by batterers: How much does the truth matter? *Criminal Justice and Behavior*, 33(1), 110–130. <https://doi.org/10.1177/0093854805282322>
- Hickman, L. J., Jaycox, L. H., & Aronoff, J. (2004). Dating Violence among Adolescents: Prevalence, Gender Distribution, and Prevention Program Effectiveness. *Trauma, Violence, & Abuse*, 5(2), 123–142. <https://doi.org/10.1177/1524838003262332>
- Iyican, S., & Babcock, J. C. (2018). The Relation Between the Two Factors of Psychopathy and Intimate Partner Aggression. *Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma*, 27(2), 119–130. <https://doi.org/10.1080/10926771.2017.1334020>
- Jackson, S. M. (1999). Issues in the Dating Violence Research: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 4(2), 233–247.

- Kalmuss, D. (1984). The Intergenerational Transmission of Marital Aggression. In *Source: Journal of Marriage and Family* (Vol. 46, Issue 1).
- Kruh, I. P., Frick, P. J., & Clements, C. B. (2005). Historical and personality correlates to the violence patterns of juveniles tried as adults. *Criminal Justice and Behavior*, 32(1), 69–96. <https://doi.org/10.1177/0093854804270629>
- Kwong, M. J., Bartholomew, K., Henderson, A. J. Z., & Trinke, S. J. (2003). The Intergenerational Transmission of Relationship Violence. *Journal of Family Psychology*, 17(3), 288–301. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.17.3.288>
- Lisa Price, E., Sandra Byers, E., Belliveau, N., Bonner, R., Caron, B., Doiron, D., Greenough, J., Guerette-Breau, A., Hicks, L., Landry, A., Lavoie, B., Layden-Oreto, M., Legere, L., Lemieux, S., Lirette, M.-B., Maillet, G., McMullin, C., & Moore, R. (1999). The Attitudes Towards Dating Violence Scales: Development and Initial Validation. In *Journal of Family Violence* (Vol. 14, Issue 4).
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25(1), 43–52. <https://doi.org/10.1007/s10896-009-9268-x>
- Mager, K. L., Bresin, K., & Verona, E. (2014). Gender, psychopathy factors, and intimate partner violence. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 5(3), 257–267. <https://doi.org/10.1037/per0000072>
- Meloy, J. R. (2006). Empirical basis and forensic application of affective and predatory violence. In *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry* (Vol. 40).
- Methot-Jones, T., Book, A., & Gauthier, N. Y. (2019). Less than human: psychopathy, dehumanization, and sexist and violent attitudes towards women. *Personality and Individual Differences*, 149, 250–260. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.06.002>
- Muñoz, L. C., Khan, R., & Cordwell, L. (2010). Sexually Coercive Tactics Used by University Students: a Clear role for Primary Psychopathy. In *Journal of Personality Disorders* (Vol. 25, Issue 1).

- Neves, S., Jamal, S., Peixoto Janete Borges, S., & Mattos, M. (2021). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior: Crenças e Práticas –2017/2021*. <https://drive.google.com/file/d/1wLwLBSLtJelQOs4QxIXymKUAueUurZBi/view>
- Oliveira, M. S., & Sani, A. I. (2009). A Intergeracionalidade da Violência nas Relações de Namoro. *A Intergeracionalidade Da Violência Nas Relações de Namoro*.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses 1. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5(2), 243–272.
- Pechorro, P., Nunes, C., Gonçalves, R. A., Jesus, S. N., & Simões, M. R. (2019). The socially desirable response SET-5: Validation among a school sample of Portuguese youths. *Revista Iberoamericana de Diagnostico y Evaluacion Psicologica*, 52(3), 15–25. <https://doi.org/10.21865/RIDEP52.3.02>
- Poorman, P. B., Seelau, E. P., & Seelau, S. M. (2003). Perceptions of Domestic Abuse in Same-Sex Relationships and Implications for Criminal Justice and Mental Health Responses. In *Violence and Victims* (Vol. 18, Issue 6).
- Sistema de Segurança Interna (2021). *Relatório Anual de Segurança Interna [RASI]*.
- Robertson, E. L., Walker, T. M., & Frick, P. J. (2020). Intimate Partner Violence Perpetration and Psychopathy: A Comprehensive Review. In *European Psychologist* (Vol. 25, Issue 2, pp. 134–145). Hogrefe Publishing GmbH. <https://doi.org/10.1027/1016-9040/a000397>
- Saavedra, R., & Machado, C. (2013). Programas de Prevenção Primária da Violência nos Relacionamentos Íntimos: Da Prática Internacional à Prática Nacional. *Revista de Psicologia Da Criança e Do Adolescente*, 4(1). <https://doi.org/10.34628/b60j-4d15>
- Saavedra, R., Machado, C., & Martins, C. (2018). *Psicologia Forense: Instrumentos de Avaliação*.
- Seara-Cardoso, A., Queirós, A., Fernandes, E., Coutinho, J., & Neumann, C. (2020). Psychometric Properties and Construct Validity of the Short Version of the Self-Report Psychopathy Scale in a Southern European Sample. *Journal of Personality Assessment*, 102(4), 457–468. <https://doi.org/10.1080/00223891.2019.1617297>

- Seelau, E. P., Seelau, S. M., & Poorman, P. B. (2003). Gender and role-based perceptions of domestic abuse: Does sexual orientation matter? *Behavioral Sciences and the Law*, 21(2), 199–214. <https://doi.org/10.1002/bsl.524>
- Smith, J. P., & Williams, J. G. (1992). From Abusive Household to Dating Violence. In *Journal of Family Violence* (Vol. 7, Issue 2).
- Sorenson, S. B., & Taylor, C. A. (2005). Female Aggression Toward Male Intimate Partners: An Examination of Social Norms in a Community-Based Sample. *Psychology of Women Quarterly*, 29, 78–96.
- Stith, S. M., Smith, D. B., Penn, C. E., Ward, D. B., & Tritt, D. (2004). Intimate partner physical abuse perpetration and victimization risk factors: A meta-analytic review. In *Aggression and Violent Behavior* (Vol. 10, Issue 1, pp. 65–98). <https://doi.org/10.1016/j.avb.2003.09.001>
- Straus, M. A., Aldrichi, T., Alvarez, S., Atan, A., Boeckmann, I., Sieber, C., Yodanis, C. L., Bougere, A., Brownridge, D., Chan, K. L., Field, C., Figueiredo, B., Fisher, B. S., Gagne, M. H., Galliher, R. v., Goethals, G., Vervaeke, J., Hawkins, R., Hebert, M., ... Savage, S. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10(7), 790–811. <https://doi.org/10.1177/1077801204265552>
- Uthman, O. A., Lawoko, S., & Moradi, T. (2010). Sex disparities in attitudes towards intimate partner violence against women in sub-Saharan Africa: A socio-ecological analysis. *BMC Public Health*, 10. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-10-223>
- Waltermauer, E., Butsashvili, M., Avaliani, N., Samuels, S., & McNutt, L.-A. (2013). *An examination of domestic partner violence and its justification in the Republic of Georgia*. <http://www.biomedcentral.com/1472-6874/13/44>

- Wang, L. (2016). Factors influencing attitude toward intimate partner violence. In *Aggression and Violent Behavior* (Vol. 29, pp. 72–78). Elsevier Ltd. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2016.06.005>
- Wang, L. (2020). Education, Gender, Residence, and Attitude toward Intimate Partner Violence: An Empirical Study. *Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma*, 29(7), 808–825. <https://doi.org/10.1080/10926771.2020.1725208>
- Widom, C. S. (1989). Child abuse, neglect, and adult behavior: Research design and findings on criminality, violence, and child abuse. *American Orthopsychiatric Association*, 59(3).
- World Health Organization. (2012). *Understanding and addressing violence against women*.
- Zaatut, A., & Haj-Yahia, M. M. (2016). Beliefs about wife beating among Palestinian women from Israel: The effect of their endorsement of patriarchal ideology. *Feminism and Psychology*, 26(4), 405–425. <https://doi.org/10.1177/0959353516647071>